

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

CÔA Economia,
Ciência e Cultura
Visão₁₇

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
ECONOMIA	10
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
CIÊNCIA	52
O Carril Mourisco	
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
CULTURA	171
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015 150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)

António do Nascimento Sá Coixão*

Resumo

Desde o ano de 2003 que António Sá Coixão se dedica à investigação arqueológica do denominado CASTRO DE S. JURGE (ou Castelo Velho) no termo da freguesia de Ranhados-Mêda. Foram já registados vestígios da ocupação do lugar desde pelo menos o III milénio a.C. (Calcolítico). A mais forte presença documentada é do I milénio a.C. (1ª e 2ª Idades do Ferro) interrompida com a presença romana a partir de cerca de 35 anos A.C..

A presença de elevado número de rochas com arte rupestre, onde sobressaem os fossetes (mais de mil) serpentiformes, podomorfos, entre outros, abre uma nova perspectiva para o estudo desta arte que se reportará à Pré-História Recente.

Palavras-chaves

Castro de S. Jurge; Pré e Pró-História; Inícios da romanização; Arte rupestre; Fossetes; Podomorfos; Serpentiformes.

Introdução

O Castro de São Jurge, localizado no termo da Freguesia de Ranhados, concelho de Meda, é um dos raros castros em estudo na Beira Interior.

Se em 1929 Luis de Pina ali efectuou sondagens e deu as primeiras notícias sobre os materiais exumados, se nos anos 50 e 60 Adriano Vasco Rodrigues a ele se refere em algumas publicações, é no entanto a partir do ano 2003 que o sítio começa a ser investigado através de projecto de António Sá Coixão.

Hoje, apesar dos poucos apoios para a investigação, podemos afirmar conhecer já um pouco da história sequencial das ocupações deste morro localizado mesmo por cima da denominada “Barragem de Ranhados” no Rio

Torto (Rio Malo em documentos medievais).

No dia 9 de Novembro do ano de 2014, o autor deste artigo lançou a publicação com o título “ARTE RUPESTRE DO CASTRO DE SÃO JURGE”. Ao longo de 125 páginas tenta ligar este tipo de Arte a outros exemplos um pouco por toda a Europa e mesmo Planeta e chama-lhe “arte pobre” tal é o desdém com que é tratada por muitos investigadores.

Mas se “os pobres também têm direito à vida” esta arte também tem direito a ter alguma atenção e a ser divulgada e até reinterpretada. As 84 rochas citadas são já hoje mais de 100 e muitas surpresas poderão surgir ao longo da investigação... o painel 71, a que chamamos “Estela do Gato” poderá afinal representar não um animal mas sim um “Báculo”, símbolo de poder nos idos Pré- Históricos do Calcolítico.

A primeira rocha a chamar-nos a atenção, porque se localiza junto a uma das entradas de um patamar superior do Castro amuralhado, foi precisamente o painel 12, baptizado de “Fraga Formosa” que aparece na fotografia da capa da publicação.

¹ Director do Museu da Casa Grande de Freixo de Numão (Museu da RPM); Licenciado em História; Mestre em Arqueologia Pré-Histórica; Doutorando em Arqueologia Romana com a dissertação “A Romanização do Baixo Côa”.

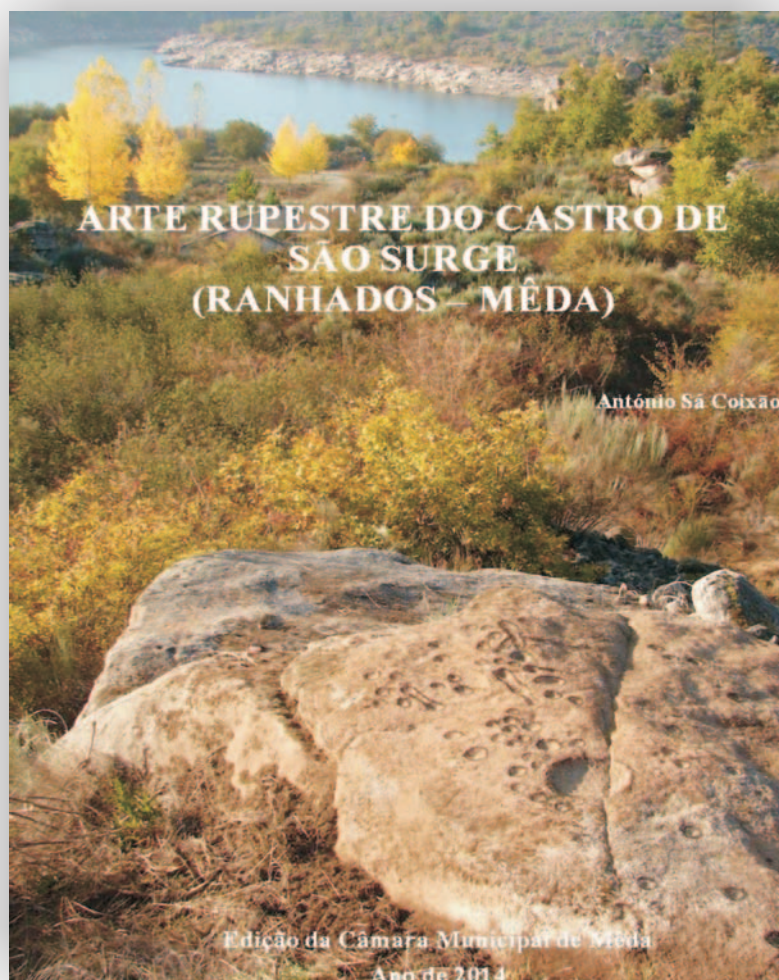


Fig. 1 : Capa da publicação “Arte Rupestre do Castro de São Jurge”

A contemplação da arte contida nessa rocha, leva-nos a viajar até ao cosmos, ao mundo do sol, da lua, dos planetas, cometas e estrelas e daí uma grande probabilidade de podermos associar toda a arte do Castro de São Jurge a cultos astrais assentes nas crenças e suas influências nos acontecimentos do dia a dia à superfície da Terra.

E os estudos até hoje efectuados, levam-nos a ser corajosos e a afirmar que estamos, ali, perante um magnífico “SANTUÁRIO RUPESTRE”.

A sequência do presente artigo vai ser preenchida com enxertos da publicação já atrás citada:

2. Prefácio - do Prof. Dr. Armando Coelho Ferreira da Silva O Castro de São Jurge, ou Castelo Velho, da freguesia de Ranhados do concelho da Mêda, é tradicionalmente referenciado como lugar central da entidade étnica lusitana dos Aravi mencionados em diversos textos clássicos, cuja capital se identifica, com a reorganização territorial romana, na civitas Aravorum, situada no sopé de Marialva.

A partir de elementos primordiais, prospetivos, legados por dois nossos velhos amigos do Centro de Estudos Humanísticos, do Porto, os Professores Doutores Luís de Pina e Adriano Vasco Rodrigues, o Dr. Sá Coixão deles nos transmite a devida informação, mas dela se distingue, para nos comunicar os resultados adquiridos em escavação sistemática programada para este sítio no âmbito de um projeto de estudo da ocupação humana na proto-história e romanização na área do concelho de Mêda, de cujas campanhas resume os aspetos essenciais, designadamente:

O reconhecimento das suas origens com a emergência da idade dos metais no período designado como Calcolítico, que conta com paralelo emblemático mais próximo no Castelo Velho de Freixo de Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, e que também fora por si descoberto; a continuidade da sua ocupação ao longo da Idade do Bronze, cobrindo globalmente o 3º e o 2º milénio a. C., até aos tempos proto-históricos do Bronze Final e da Idade do Ferro, em que se terá constituído como lugar central do povoamento regional até à reorganização do território promovida sob o domínio romano. Reduzido, então, a um estatuto de subsidiaridade, ainda assim, são significativos os achados de moedas e materiais cerâmicos e metálicos da sua romanização. Nesta obra sublinha-se, porém, uma outra epifania: a descoberta de numerosos motivos de arte rupestre, de que já se registam 84 painéis, tendo por suporte rochas e estelas decoradas com fossettes ou

covinhas, podomorfos, serpentiformes e outras raras representações.

Destacando-se como temas e composições decorativas caraterísticos da fachada ocidental da Península Ibérica, tal imaginariu[m] projeta uma visão do mundo protagonizada, não já por grupos de predadores, mas como imagens simbólicas de referentes mitológicos constitutivos de comunidades produtoras, de povos agricultores e metalúrgicos, que enfatizam a originalidade deste conjunto artístico, contextualizado no Castro de S. Jurge, mesmo se considerado por quaisquer aproximações à riqueza revelada nas áreas imediatas do Vale do Côa, ora se confrontando com mais um desafio interpretativo.

E ainda que se saiba que esta investigação se vem enriquecendo muitíssimo nos últimos anos com os avanços da informática, dos métodos de datação radiocarbónica e da geografia espacial, estamos convencidos, como outros arqueólogos, que a base do seu progressivo desenvolvimento continua a ser a prospeção sistemática, a catalogação meticulosa e a sua adequada documentação, como nos é exemplarmente oferecido neste volume, em que se apresenta um cuidadoso inventário, georeferenciado, e o respetivo registo gráfico e fotográfico. Ao saudarmos mais esta obra da autoria do nosso muito estimado amigo Dr. António Nascimento Sá Coixão, como vulto consagrado da Arqueologia regional e nacional, cumpre-nos igualmente felicitar a Câmara Municipal da Mêda por mais este serviço prestado à investigação arqueológica, deste modo a difundindo, e às causas do património, pelo que reflete do esforço levado a cabo para o conservar e proteger na multiplicidade das suas expressões, tantas elas são no território do município, onde, com este trabalho, mais ficam evidenciadas as raízes de uma longa história identitária.

Rochas ou placas com covinhas na área do concelho de Vila Nova de Foz Côa

A primeira placa por mim recolhida, em xisto, gravada com covinhas, aconteceu nos anos oitenta, no sítio arqueológico do Castelo Velho de Freixo de Numão. Posteriormente, já com a Professora Susana Oliveira Jorge a dirigir as



Fig. 2: Estela do Castanheiro do Vento

escavações, outras foram igualmente recolhidas. Depois, já nos anos 90, uma outra placa, igualmente em xisto, foi recolhida junto ao denominado “Abrigo 3 da Painova”. Posteriormente, algumas placas (fraturadas) em xisto decoradas com covinhas foram sendo recolhidas no sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento. Atualmente, no Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, encontra-se exposta uma estela em xisto com esse tipo de decoração. No aspeto temporal, tais placas e, ou, estelas gravadas remontarão ao 3.º milénio a.C. De igual período deve ser classificada a denominada “ESTELA DO CAGA CÃO”, recolhida num local não muito distante do Castelo Velho de Freixo de Numão.

Está fraturada, por tal motivo incompleta, devendo alguma da arte gravada ter desaparecido. Mede cerca de um metro e setenta de altura por cerca de metro e vinte de largura e o material é um xisto que facilmente se desagrega, lasca ou esboroa!

No longo território a que o povo dá o nome de SALGUEIRO

e depois RECONCO, na área/termo nordeste da Vila de Freixo de Numão, uma pequena nesga de terra toma o nome de CAGA CÃO e é propriedade do senhor César Brochas.

Conta o Guilherme Parchão (mais conhecido por Guilherme Padeiro) e confirma o seu irmão Manuel, que de uma sua propriedade se via no Caga Cão uma pedra ao alto, talhada artificialmente, a que chamavam “O HOMEM”.

- sim, era como um homem, fazia mesmo lembrar um homem – dizia o Guilherme todo ufano.

- e até havia mais umas pedras ao alto, mas mais pequenas, como que a vedar ou sinalizar os termos do terreno - conta ainda o Guilherme.

Mas estas pequenas estelas, em xisto, sim porque de estelas pré-históricas se trataria, foram literalmente esmagadas pelos caterpillar's quando da plantação de eucaliptos naquele local.

A estela recolhida encontrava-se pousada sobre rochas e tomava a função de mesa! Mas que arte está representada, afinal, em pedra tão badalada? A figura central é um antropomorfo com seus braços e pernas arqueadas, de turbantes saindo da cabeça e braços, com um apêndice entre as pernas representando o sexo. A complementá-la mais de uma vintena de covinhas gravadas, um podomorfo e alguns serpentiformes.



Fig. 3: Estela do Caga Cão

Encontra-se atualmente exposta no recinto exterior do Museu da Casa Grande de Freixo de Numão. O registo em desenho foi feito em 2009 pela arqueóloga Bárbara Sá Carvalha. Ainda no sítio do Castanheiro do Vento, termo da freguesia de Horta do Douro (concelho de Vila Nova De Foz Côa), um enorme menir com cerca de 5 metros de altura por 2 de largura, em xisto de rija têmpera, contém gravadas 8 covinhas ou fossetes. No Vale Ferreiro, termo da vila de Freixo de Numão, em zona de “abrigos naturais em ou sob rocha granítica”, registámos uma “fraga aplanada”, fazendo função de mesa, medindo 3 metros e setenta por 3 metros e vinte. Tem gravado um pequeno cruciforme e 28 covinhas de tamanhos variados. O registo, em desenho, foi efetuado no ano de 2009, pela arqueóloga Bárbara Sá Carvalha.

Fig. 4:

Menir do Castanheiro do Vento

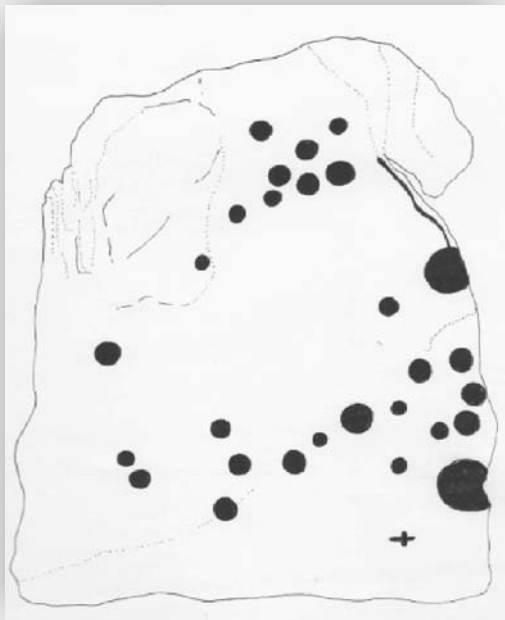


Fig. 5: Fraga das Covinhas do Vale Ferreiro

Do castro do Castelo Velho à capela

de S. Jurge (ainda as nótulas de Luís de Pina)

“(…) De tudo o que me ia sendo referido em conversas, prendeu-me logo a atenção e espevitou-me a curiosidade o nome de Castelo Velho ou Monte de SanJurge dado a um cabeço distante 2 quilómetros de Ranhados, para Nordeste. E um dia fui até lá. E bem lucrativa foi a viagem, ainda que maçadora pois se me deparou um castro, que passo a descrever.

É o Castelo Velho um alto môrro de vários socalcos na margem direita do rio Torto que o limita a Oeste; a Sul e Sudoeste ficam o Vale de Martins e as Fôrcas; a Norte e Nordeste campos de lavradio denominados da Carneira e Fonte do Peixe. Da banda do rio, o Castelo é escarpado e em rápido declive, abafado, pelo Norte, num denso matagal impenetrável, que desce também sobre aquele curso de água. A meia encosta, para Sudoeste, existe uma velha capela arruinada, há muito inútil para o culto, denominada de SanJurge. Este nome causou-me deveras estranheza e logo me fez pensar numa corrutela do nome de S. Jorge ou uma permanência da velha designação Jurge por Jorge. Bem que grandes fossem meus esforços para saber que Santo era aquele – pois que nada tinha com S. Jorge - as bocas dos informadores quedaram-se mudas! Só me souberam dizer que nessa capela se venerava SanJurge (S. Jurge?) e que uma sua imagem, dela levada, existia presentemente na ermida de N.ª S.ª do Campo, à Tapada Velha. Essa imagem está pintada numa tábuia e representa um sacerdote com seus trajos de cerimónia: casula e estola. Tem o aspecto de um padre jovem, em atitude de oração. A pintura, péssima, nada mais que um voto de enfermo! tam como se lê na seguinte legenda da base “Milagre que fez S. Jurge a Tiotonio de Souza / da freguesia de Ranhados, / estando Molestado com Huma Molestia Dos Ouvidos e explorando o Patrocinio / do mesmo Santo, Se achou melhor no Anno de 1846”.

Simple tabula votiva, como se vê!

É curioso notar-se que, a exemplo do Santo Ovídio, São Jurge é advogado das Otagias, em Ranhados.”



Apresentam-se 4 fotos: uma, das nótulas manuscritas de Luís de Pina; outra da “Tabula votiva” do milagre que fez São Jurge a Tiotónio de Sousa; uma outra da imagem do Santo, hoje integrado no conjunto de imagens albergado pela capela de Nossa Senhora das Tábuas, no interior do Cemitério de Mêda. De realçar, na imagem, S. Jurge apontando com um dos dedos para o seu ouvido! Outra das actuais ruínas da Igreja ou Capela de S. Jurge.

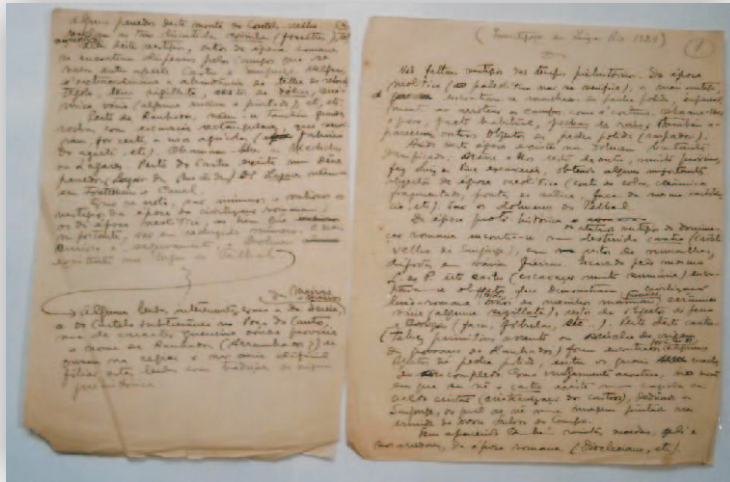


Fig. 6: Apontamentos arqueológicos do Médico Luís de Pina (1931). Fotos tiradas em Abril de 2004 (por ANSC)



Fig. 8: Imagem de S. Jurge



Fig. 9: Tábuia Votiva



Fig. 7: Ruínas da Capela de S. Jurge



Fig. 10: Localização do Castro de S. Jurge, junto à Barragem de Ranhados, no Rio Torto

S. Jurge 2010 - arte rupestre

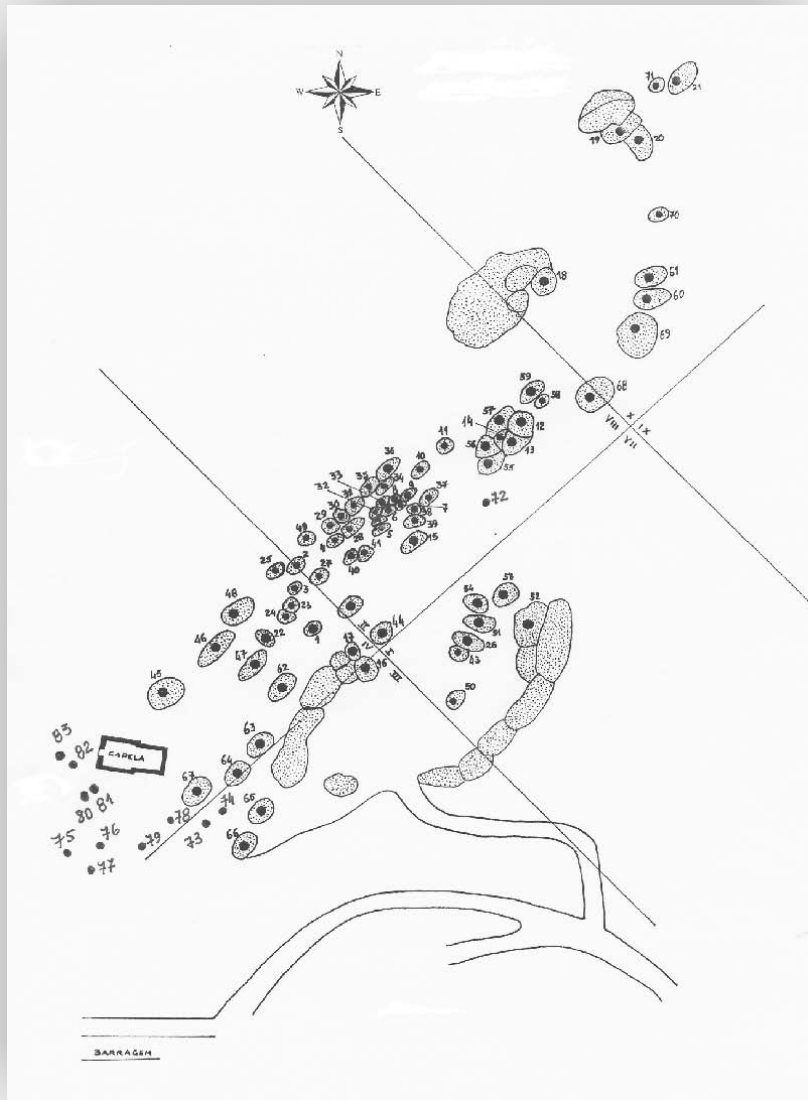


Fig. 11: Localização da arte rupestre do Castro de S. Jurge

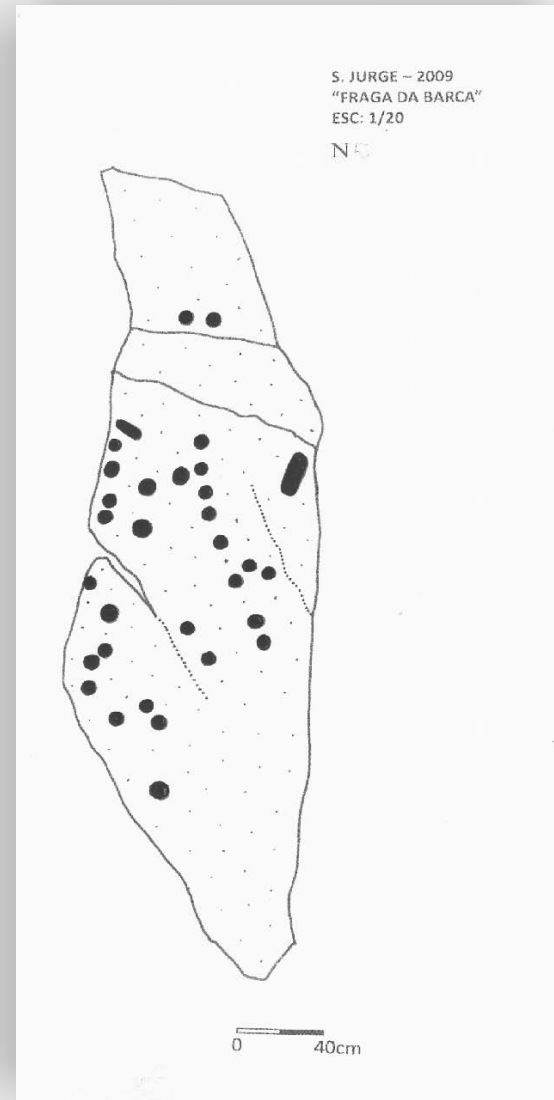


Fig. 12: Desenho do painel 6 da Arte Rupestre



Fig. 13: Painel 8 do Castro de S. Jurge



Fig. 14: Painel 9 do Castro de S. Jurge

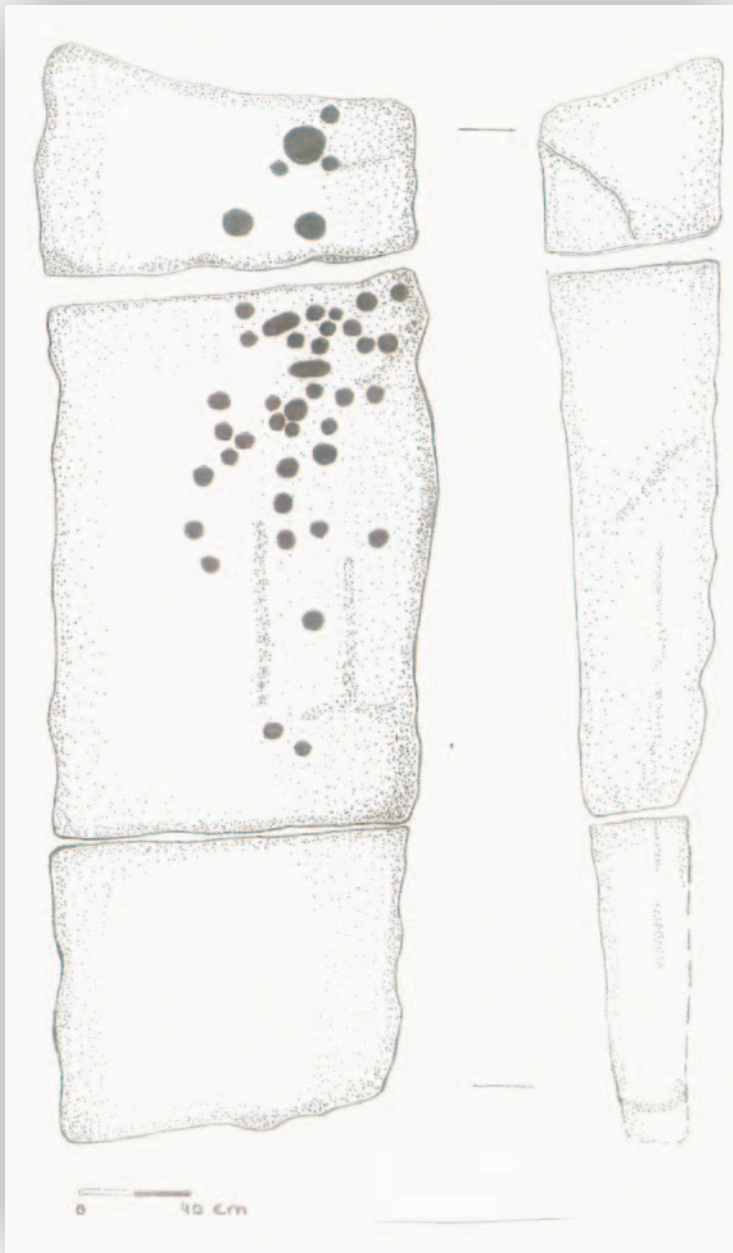


Fig. 14: Desenho da Rocha 10 do Castro de S. Jurge



Fig. 15: Painel 14 do Castro de S. Jurge



Fig. 16: Painel 15 do Castro de S. Jurge

Bibliografia

COIXÃO, António Sá – Arte Rupestre do Castro de S. Jurge (Ranhados – Mêda). 1ª Ed. Mêda: Câmara Municipal de Mêda, 2014. ISBN 978-972-97949-3-3

COIXÃO, António Sá – A ocupação humana na pré-história recente na região de entre Côa e Távora. 1ª Ed. ACDR: Freixo de Numão, 2000. 972-95067-9-5

FIGUEIREDO, Sofia Soares de – As gravuras rupestre do concelho de Macedo de Cavaleiros. In *Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*, 3, Vila Nova de Foz Côa, 2007. Porto: ACDR, 2008.

HENRIQUES, Francisco e al. - Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, 4, Covilhã.1991.Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995.

RODRIGUES, Adriano Vasco – Terras da Mêda: natureza e cultura: monografia. Câmara Municipal de Mêda, 1983.

SANTOS, André Tomás - Uma abordagem hermenêutica-fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta : o caso do Fial (Tondela, Viseu). *Estudos Pré-históricos*. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. 2008, vol. 13, p. 174. ISBN 9789729935237.